



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## OS PARALELISMOS EM O VELHO E O MAR E SUA RELAÇÃO COM O ANTIGO TESTAMENTO

---

### Parallelism in *The Old Man and the sea* and its relation with the Old Testament

Caroline Cougo\*  
Marcelo Ramos Saldanha\*\*

**Resumo:** O presente artigo demonstra a importância dos estudos do paralelismo na poesia hebraica e como esse fenômeno poético do Oriente Médio Antigo passou a influenciar a cultura ocidental ao longo dos séculos, o que pode ser visto em autores como Ernest Hemingway em seu livro *O Velho e o Mar* (1952), que usa Paralelismos em seu livro, que trata de desesperança e aflições humanas. Este livro foi aqui analisado a partir de suas ocorrências de paralelismo e, para sua análise e classificação, considerações de Lowth (1778) e Watson (1986) são explicadas aqui. A conclusão inclui considerações sobre a influência hebraica e bíblica nos dias atuais e no pensamento ocidental.

**Palavras-chave:** Paralelismo; Anáfora; *O Velho e o Mar*; Poesia Hebraica; Ernest Hemingway

**Abstract:** This article demonstrates the importance of studying Parallelism in Hebrew poetry and how this poetic phenomenon from the Ancient Middle East has come to influence both the present century and the past century, as can be seen in authors like Ernest Hemingway in his book "The Old Man and the Sea" (1952), which utilizes Parallelisms in depicting human despair and afflictions. This book has been analyzed here based on its occurrences of Parallelism, and for its analysis and classification, considerations from Lowth (1778) and Watson (1986) are explained here. The conclusion includes reflections on the Hebrew and biblical influence in contemporary times and Western thought.

**Keywords:** Parallelism; Anaphora; *The Old Man and the Sea*; Hebrew Poetry; Ernest Hemingway.

\*\*\*

---

\* Licenciada em Letras: Português/Inglês, atualmente é mestranda do PPG da Faculdades EST. E-mail: caroline.cougo@gmail.com

\*\* Doutor em Filosofia. Professor na Faculdades EST. E-mail: marcelo.saldanha@est.edu.br

## Introdução

O paralelismo é considerado por muitos pesquisadores um dos maiores efeitos da poética hebraica, tanto por sua ocorrência, quanto por sua dramaticidade e influência em escritos posteriores. No entanto, à medida que aprofundamos nossa investigação sobre o paralelismo, torna-se evidente que essa técnica era amplamente empregada em todo o Oriente Médio na Antiguidade. Os motivos subjacentes a essa prática serão explorados neste artigo.

Além da relevância e frequência dos paralelismos, é notável o quanto esse fenômeno poético pode ser objeto de discussão em várias perspectivas, especialmente devido à complexidade da sua categorização. Desde Lowth<sup>1</sup>, muitas outras classificações, que vão além das três primeiras que ele propôs, surgiram e continuam a surgir. Nas próximas seções, focaremos nas definições e classificações apresentadas por Watson<sup>2</sup>, que também considerou as *word-pairs* como centrais no estudo do paralelismo e ampliou significativamente as primeiras definições de Lowth. Além disso, exploraremos a possibilidade de considerar a anáfora como uma subcategoria do paralelismo, dada sua frequente ocorrência na poesia hebraica e seu papel fundamental na reiteração de ideias expressas no texto.

Após a definição do Paralelismo, segue uma análise abrangente desse fenômeno poético ao longo de diferentes épocas, a partir do primeiro século após Cristo. Notavelmente, após a Idade Média, a Bíblia e a poesia hebraica influenciaram profundamente diversos escritores, chegando ao ponto de influenciar Ernest Hemingway, que, apesar de não ser religioso nem se considerar cristão, manifestou traços da poesia hebraica em suas obras, especialmente em "O Velho e o Mar"<sup>3</sup>.

"O Velho e o Mar" narra a história de um pescador que, após 84 dias de insucessos na pesca, finalmente encontra um peixe gigante, desencadeando uma batalha intensa, não apenas em termos físicos, mas também testando sua força interior. Esta obra transcende os desafios físicos e aborda temas mais amplos, como a natureza da vida, a motivação humana para superar obstáculos e uma exploração profunda dos sentimentos humanos.

A narrativa do livro também reflete os sentimentos e as dúvidas do autor, Ernest Hemingway, que manifestava inseguranças em relação à espiritualidade, bem como enfrentava desafios psicológicos e dilemas existenciais. Esses elementos são expressos ao longo da história, através dos pensamentos do protagonista idoso. Além disso, de maneira mais sutil, a obra aborda temas relacionados à espiritualidade e à fé em Deus. Após uma introdução do fenômeno poético do paralelismo, examinaremos como o paralelismo se manifesta nessa obra icônica de Hemingway.

## Primeiros estudos sobre Paralelismos: Lowth (1778)

Para Robert Lowth, um dos primeiros estudiosos deste fenômeno poético, considerava o paralelismo como o verdadeiro gênio da Bíblia<sup>4</sup>. A análise poética da Bíblia teve seu início já em 1753, e pouco tempo depois, Lowth forneceu uma definição clara e concisa do paralelismo como "a

---

<sup>1</sup> LOWTH, Robert. *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*. London: Kessinger Publishing, 1787.

<sup>2</sup> WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry: a guide to its techniques*. JSOT Press. England, 1986. p. 123

<sup>3</sup> HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2021

<sup>4</sup> ROBERTS, D. Phillip. "Let me see your form": seeking poetic structure in the "Song of Songs". 2001. 810 f. Tese (Ph.D. em Teologia) - Westminster Theological Seminary, Glenside, PA, 2001. p.54

correspondência de um verso ou linha com outro"<sup>5</sup>. É dele a classificação do paralelismo em três modalidades distintas: o sinônimo, o antitético e o sintético.

Junior, cita alguns exemplos de paralelismos, começando com o paralelismo sinônimo<sup>6</sup>.

Esse tipo de paralelismo é caracterizado por uma estrutura que envolve a repetição de palavras com significados semelhantes, mesmo que as palavras em si sejam diferentes. Um exemplo é encontrado em Naum, capítulo 1, versículo 2:

JEHOVAH é Deus zeloso e vingador;  
JEHOVAH é vingador e cheio de ira:  
JEHOVAH se vinga de seus adversários;  
E ele reserva indignação para seus inimigos<sup>7</sup>

Podemos observar neste paralelismo que sinônimos são empregados para expressar os sentimentos de Deus em relação àqueles que não lhe eram fiéis. São utilizados adjetivos como "zeloso", "vingador", "cheio de ira" e que "se vinga de seus adversários", além de afirmar que Ele "reserva indignação para os inimigos". A intenção desse paralelismo era deixar enfaticamente claro o quão perigoso seria desobedecer às ordens de Deus.

O paralelismo antitético ocorre quando o antônimo é contraposto em cada verso, para se opor ao início de cada ideia tratada. A Bíblia contém muitas passagens que apresentam paralelismo antitético, e muitas dessas passagens se encontram em Provérbios. Vejamos alguns exemplos de paralelismo antitético na Bíblia: "Um filho sábio alegra seu pai, mas um filho tolo é tristeza para sua mãe." (Provérbios 10:1). Aqui há os termos e adjetivos contrários para cada filho: um que alegra o pai e outro que é tristeza para a mãe. Um outro exemplo de paralelismo antitético é o de Provérbios 10:4: "A mão preguiçosa empobrece, mas a mão diligente traz riqueza.", ou ainda Provérbios 14:34: "A justiça engrandece a nação, mas o pecado é a desgraça dos povos."

Um outro exemplo de paralelismo antitético fica em Mateus 7:13-14:

Entrem pela porta estreita,  
pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição,  
e são muitos os que entram por ela.  
Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida!  
São poucos os que a encontram.

Estes versículos apresentam ideias opostas, representadas pelo contraste entre a porta estreita e a porta larga, uma conduzindo à salvação e a outra à perdição. O uso do paralelismo é de extrema importância nesse contexto, pois ajuda a transmitir de maneira clara a imagem e a explicação contidas nos versículos para o leitor.

A terceira modalidade é o paralelismo Sintético. A definição desse tipo de Paralelismo é trazida por Lowth, e citada por Junior (2012):

Há uma terceira espécie de paralelismo, no qual as sentenças respondem entre si, não pela repetição da mesma imagem ou sentimento, nem pela oposição de seus contrastes, mas

---

<sup>5</sup> BARRETO, Matheus. *Ritmo & tradução: a configuração rítmica na tradução de dez textos literários de língua alemã*. 2022. Tese de doutorado (Programa de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

<sup>6</sup> JUNIOR, Edson Magalhães Nunes. *Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 27.

<sup>7</sup> BÍBLIA. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. Todas as citações de texto bíblico seguirão esta referência.

meramente pela forma de construção. Quanto a ela, que pode ser chamado de Paralelismo Sintético ou Construtivo, pode ser atribuído tudo o que não está conectado nas categorias.<sup>8</sup>

Quanto ao exemplo apresentado por Junior (2012), temos o Salmo 19:8-11, no qual são introduzidas descrições que, embora não sejam necessariamente sinônimos, são aplicadas a cada obra de Deus, abrangendo a lei, os testemunhos, os preceitos, o mandamento, o temor e os juízos. Dentro da mesma sentença, encontramos expressões como "perfeita, restaura a alma" e "confiável, faz o simples sábio". São destacadas características que não são sinônimas nem antônimas, mas se complementam e enriquecem mutuamente.

A lei de JEHOVAH é perfeita, restaura a alma;  
O testemunho de JEHOVAH é confiável, faz do simples sábio;  
Os preceitos de JEHOVAH são retos, alegram o coração;  
O mandamento de JEHOVAH é claro, ilumina os olhos;  
O temor de JEHOVAH é puro, dura para sempre;  
Os juízos de JEHOVAH são verdadeiros, todos eles são completamente justos:  
Mais desejáveis que ouro, ou do que muito ouro fino;  
E mais doces do que mel, ou do que o gotejar de favos de mel

### **Paralelismo na poesia hebraica: Watson (1986)**

Para discutirmos o tema dos paralelismos, é necessário retroceder milhares de anos e explorar os registros mais antigos do Oriente, começando com o livro de Gênesis. De acordo com a Bíblia, Abraão viveu dez gerações após Sem, que foi o filho de Noé. A partir da descendência de Sem, surgiram diversos povos, como os acádios, assírios, arameus e hebreus. O paralelismo literário pode ser identificado em criações literárias de origem semítica, incluindo os acadianos, que habitavam a região da Mesopotâmia. No entanto, entre os povos semitas, os hebreus, descendentes de Abraão, se destacaram como os que mais utilizaram o paralelismo em suas composições escritas, como evidenciado na própria Bíblia, onde o paralelismo se revela como um dos recursos literários mais frequentemente empregados.

Watson (1986) explica que o paralelismo pode ser estudado não apenas de uma perspectiva linguística e literária, mas também sob uma abordagem matemática, mais especificamente, geométrica. Para sustentar essa tese, ele argumenta que o paralelismo é uma parte intrínseca do poema, que é, por natureza, um discurso. Uma vez que o poema é um tipo de discurso, ele envolve a passagem do tempo, que ocorre em um espaço específico, regido por leis intrínsecas, como a simetria. Nesse sentido, podemos afirmar que

O termo paralelismo é uma metáfora. Seu significado literal é especial, a poesia o aplica a um fato temporal da linguagem. É, na verdade, como falar do ritmo de composição de um díptico. Na escrita, é verdade, traçamos linhas paralelas; porém, a escrita é um substituto da palavra falada, que é a linguagem real.<sup>9</sup>

O paralelismo implica sequência e signos de versos e, isto seria, para Watson, uma prova de que, para compreender o paralelismo, é preciso entendê-lo também como matemática. Entretanto, ele separa os dois conhecimentos: o gramatical/linguístico e o matemático/geométrico. Neste artigo, embora saibamos de possíveis considerações matemáticas de estudo dos paralelismos, teremos o foco em sua face gramatical.

---

<sup>8</sup> JUNIOR, 2012, p. 211-212, p. 28.

<sup>9</sup> “El término paralelismo es una metáfora. Su significado propio es especial, la poética lo aplica a un hecho temporal de lenguaje. Es, al revés, como hablar de ritmo de composición de díptico. En la escritura, es verdad, trazamos líneas paralelas; pero la escritura es un sucedáneo de la palabra pronunciada, que es el lenguaje real” (SCHÖKEL, L. Alonso. *Manual de Poética Hebrea*. Madrid. Ediciones Cristiandad, 1987. p. 71). Tradução nossa.

Watson cita Kugel (1983) para definir paralelismo:

A característica básica das canções bíblicas - e, por sinal, da maioria dos ditos, provérbios, leis, lamentos, bênçãos, maldições, orações e discursos encontrados na Bíblia hebraica - é o uso recorrente de uma forma de sentença relativamente curta, que consiste em duas cláusulas breves.

As cláusulas são regularmente separadas por uma pausa leve - leve porque a segunda é uma continuação da primeira e não um começo totalmente novo. Em contraste, a segunda cláusula termina em uma pausa completa.

A estrutura pode ser esquematizada da seguinte forma:

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ //

A barra simples representa a pausa entre as cláusulas (curta) e o par de barras representa a pausa final (longa).<sup>10</sup>

Outro fator importante a ser mencionado no contexto do paralelismo é que, ao analisar esses dois dísticos (versos com um esquema de rima), Kugel os denomina como 'A' e 'B', e observa que, geralmente, durante o paralelismo, a segunda parte do verso, ou seja, o verso 'B', tende a ser mais impactante do que o primeiro. Essa pausa serve justamente para antecipar a dramaticidade da continuação do verso 'A', indicando que a característica do verso 'B' é mais enfatizada do que a do primeiro.

B, ao se conectar a A - ampliando-o, ecoando-o, reiniciando-o, não importa qual seja a maneira - possui um caráter enfático, de 'segunda voz', e é isso, mais do que qualquer estética de simetria ou paralelismo, que está no cerne do paralelismo bíblico.<sup>11 12</sup>

Sabendo, agora, porque o paralelismo bíblico deve ser um estudo a parte de qualquer outro paralelismo, vejamos quais são os tipos de paralelismos já observados na poesia hebraica de acordo com Watson (1986).

### 1. O paralelismo de correspondência de gênero (*gender-matched parallelism*)

Neste tipo de paralelismo, cada *colon*<sup>13</sup> está em um gênero específico. Portanto, se o primeiro verso contém um sujeito masculino, o segundo terá o sujeito feminino, espelhando o primeiro de maneira genericamente oposta:

Assim diz o Senhor DEUS: Eis que Eu erguerei minha mão para os gentios e levantarei minha bandeira para os povos. E eles trarão teus filhos em *seus* braços e tuas filhas serão carregadas sobre *seus* ombros (Isaías 49:22)

Neste caso, “filhos” é masculino no hebraico, assim como “abraço”; enquanto que, no segundo verso, “filhas” e “ombros” são femininos, também na língua hebraica.

<sup>10</sup> “The basic feature of biblical songs - and, for that matter, of most of the sayings, proverbs, laws, laments, blessings, curses, prayers, and speeches found in the hebrew bible - is the recurrent use of a relatively short sentence-form that consists of two brief clauses. The clauses are regularly separated by a slight pause - slight because the second is... a continuation of the first and not a wholly new beginning. By contrast, the second ends in full pause. The structure might thus be schematized as \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ // with the single slash representing the pause between the clauses (short) and the pair of slashes representing the final pause (long)” (KUGEL, 1983 apud WATSON, 1986) tradução nossa.

<sup>11</sup> “B, by being connected to A - carrying it further, echoing it, restarting it, it does not matter which - has an emphatic, 'seconding' character, and it is this, more than any aesthetic of symmetry or paralleling, which is at the heart of biblical parallelism” (tradução nossa).

<sup>12</sup> WATSON, 1986, p. 121.

<sup>13</sup> Tipo de frase que faz parte de uma estrutura sintática onde dois elementos (versos) são separados por uma pausa mais curta do que um ponto final.

Há dois padrões de paralelismos de correspondência de gênero: o padrão direto e o padrão invertido. O padrão direto apresenta dois elementos frasais em masculinos em A e dois femininos em B ou vice-versa, como por exemplo, Jeremias 48:37: “Porque toda cabeça estará rapada, e toda barba cortada. Sobre todas as mãos haverá cortes, e sobre os lombos pano de saco”.

Por sua vez, o padrão indireto apresenta, em um mesmo verso, os dois gêneros, podendo criar padrões como m+f//m+f, f+m//f+m, m+f//f+m e f+m//m+f. Como exemplo, citemos Isaías 66:8, que contém um padrão f+m//m+f:

Quem tem ouvido tal coisa? Quem tem visto tais coisas? Será a terra feita para produzir em um dia? Ou nascerá uma nação? Porque assim que Sião entrou em trabalho de parto, ela deu à luz os seus filhos

O paralelismo de correspondência de gênero tem várias funções e não é à toa que os autores da Bíblia os usavam. Entre os principais motivos pelos quais esse tipo de paralelismo poderia ocorrer, elencamos os seguintes, de acordo com Watson (1986):

1. Para expressar a totalidade de algo, a visão geral, usando um exemplo individual de cada parte desse algo. Como exemplo:

Contempla, ó SENHOR, pois eu estou angustiada, minhas entranhas estão incomodadas, meu coração está revolvido dentro de mim; pois eu gravemente me rebele; no exterior a espada enlutada; em casa está a morte. (Lamentações 1:20)

2. Para reforçar contraste ou antítese: “Na casa do justo há muito tesouro, mas nos rendimentos dos perversos há problema” (Provérbios 15:6)
3. Para expressar harmonia, como em Salmos 122:7: “Que a paz esteja dentro dos teus muros, e a prosperidade dentro dos teus palácios”.
4. Para aperfeiçoar ou acentuar o paralelismo, como em Jó 28:2: “O ferro é tirado da terra e o bronze é fundido da pedra”.
5. Para enfatizar com uma afirmação ou negação enfática, como Gênesis 49:6: “Oh! Minha alma não entres no conselho secreto deles; minha honra não se una com a sua assembleia. Porque na sua ira mataram um homem, e na sua fúria derrubaram um muro”.
6. Para expressar inevitabilidade, como em Deuteronômio 32:14:

manteiga de vacas, e leite de ovelhas, com gordura de cordeiros, e carneiros da criação de Basã, e bodes, com a gordura da flor do trigo; e bebeste o sangue puro das uvas

Watson também comenta sobre três funções especiais:

- a) Em Isaías 43:16, enfatiza um evento incomum: “Portanto, assim diz o SENHOR, o qual faz um caminho no mar e uma vereda nas poderosas águas”

- b) Em Naum 2:13, denota destruição:

Eis que estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos, e queimarei na fumaça as suas carruagens, e a espada devorará os teus leõesinhos; eliminarei a tua presa da terra, e a voz dos teus mensageiros não será mais ouvida

- c) Em Salmos 44:14, demonstra uma mudança de estado: “Tu fazes de nós o provérbio entre os pagãos, um balançar de cabeça entre os povos”.

## **2. Parallel Word pairs**

As *parallel word pairs*, ou pares de palavras, são geralmente usadas em bicólon (*bicolon*) e em dísticos, também chamados de “estrofes duplas” (em inglês, *couplet*). O bicólon pode ser considerado como uma unidade poética que contém dois versos consecutivos que compartilham uma estrutura ou relação temática, não necessariamente contendo rima. Nas estrofes duplas, porém, sempre há rima, sendo também uma unidade poética de dois versos consecutivos.

Os pares de palavras paralelas (*parallel word pairs*) contêm um membro do par no primeiro verso e o segundo membro do par, no segundo, como pode ser verificado em Provérbios 26:1, no qual os sinônimos correspondentes em relação ao clima são “neve” e “chuva”<sup>14</sup>: “Como a neve no verão, e como a chuva na colheita, assim a honra não convém ao tolo”.

Para ser considerado “pares de palavras paralelas”, cada palavra em cada verso deve seguir os seguintes critérios<sup>15</sup>:

- a) devem pertencer à mesma classe gramatical (verbo, substantivo, adjetivo);
- b) o fenômeno das *parallel word pairs* devem ocorrer em, literalmente, linhas paralelas;
- c) esses pares de palavras paralelas devem ser frequentes, como, por exemplo “ascender” e “descender”, como em Salmos 107:26: “Eles sobem ao céu, eles descem novamente até o abismo, e a sua alma se derrete por causa da angústia”<sup>16</sup>

Dentro das *parallel word-pairs*, há várias categorias, que são as seguintes:

**Word-pairs sinonímicos:** poesia hebraica contém muitos paralelismos, como já explicado anteriormente neste artigo. Portanto, há listas de palavras que ocorrem com frequência, também como sinônimos. As mais frequentes são “terra” com “pó”, “entender” com “saber” e “mar” e “rio”.<sup>17</sup> Essas *word pairs* podem também ser consideradas hipônimos (palavras que pertencem a uma mesma categoria, como “entender” e “saber” fazendo parte da categoria “capacidades da mente”. Mas, mesmo sendo hipônimos, também não deixam de ser sinônimos e por isso estão assim classificados.

**Word-pairs antonímicos:** geralmente, são utilizados em paralelismos antitéticos, quando um verso contrasta com o seguinte e vice-versa. A palavra do primeiro verso é o contrário da palavra correspondente do segundo verso. Como exemplos já vistos na Bíblia estão “direita”, “esquerda”, “há” e “não há”, “sol” e “lua”<sup>18</sup>

**Pares correlativos:** os pares correlativos são bem amplos. Podem ser sinônimos, como “*blind*” e “*lame*”, utilizado na tradução inglesa da Bíblia. Ambas as traduções podem corresponder a “aleijado”, embora tenham outros significados também. Os pares correlativos também podem indicar progressão, ou seja, sequência de ações como “semear // comer”. Também pode demonstrar duas palavras da mesma classe gramatical, como os substantivos “pai” e “mãe”, mostrando dois gêneros diferentes de um substantivo. Também é possível mostrar pares correlativos por associação de ideias como “luz” e “escuridão”.

**Word-pairs aumentativas:** segundo WATSON (1986), as *word-pairs*, que apresentam o segundo elemento, do segundo verso, sendo bem maior e apresentando sentido aumentativo em relação ao primeiro, são características da poesia cananea. São representadas como “A//AB”, pois

---

<sup>14</sup> WATSON, 1986, p. 128.

<sup>15</sup> De acordo com WATSON (1986), p. 128.

<sup>16</sup> WATSON, 1986, p. 128.

<sup>17</sup> WATSON, 1986, p. 131.

<sup>18</sup> WATSON, 1986, p. 132.

é adicionada uma nova palavra ao final da palavra correspondente do segundo verso, como o exemplo em Salmos 29:8, que diz: “A voz do SENHOR estremece o deserto; o SENHOR sacode o deserto de Cades”. No primeiro cólon temos “deserto” e, no segundo “santo deserto”. Observemos também Êxodo 15:4, que diz “Lançou no mar as carruagens de Faraó e o seu exército; seus capitães escolhidos também foram afogados no mar Vermelho”. No primeiro verso, temos “mar” e, no segundo, “mar vermelho”. Watson (1986, p. 132) explica que, geralmente, essas *word-pairs* aumentativas são métricas, para preencher a métrica da poesia e deixá-la mais bonita, ou ser melhor expressada, cantada e lida.

**Word-pairs de epíteto:** Epítetos são adições de características adjetivas a uma pessoa, lugar ou objeto. No caso da poesia hebraica, o mais comum é o epíteto “Sujeito 1 // filho de Sujeito 2”, como em Amós 1:4 e 2Samuel 20:2.

**Word-pairs figurativos:** são pares de palavras que apresentam pares metonímicos, isto é, que usa uma expressão relacionada ao sentido original, sem ser a palavra original, como “mel” e “óleo” em Provérbios 5:3 e Salmos 54:9, que apresenta “problema” e “inimigo”. Estes *word-pairs* figurativos também podem conter sinédoque, que é quando a parte é expressa pelo todo ou o todo pela parte, como em Jó 29:2, que fala de “mês” e “dia”.<sup>19</sup>

**Pares repetitivos ou idênticos:** como o nome explica, este fenômeno ocorre quando a mesma palavra é repetida nos dois versos. Isso pode ser verificado, por exemplo, em Jeremias 2:9, que repete a palavra *pleitear*: “Portanto ainda pleitearei convosco, diz o SENHOR, e com os filhos de vossos filhos pleitearei”.

**Fixo + variante:** Os pares de palavras fixo + variante podem ser vistas em passagens nas quais o termo do primeiro verso não pode ser mudado, pois indica o sentido literal, mas os versos seguintes são substituídos por variantes, como em Salmos 78:1, com “instrução//palavras da minha boca” e “vinho” e “sacrifício” (Oséias 9:4) e “vinho” e “sangue de uva” (Gênesis 49:11) e “vinho” e “bebida forte” (Isaías 5:20 e Provérbios 20:1)

**Word-pairs distantes:** Words-pairs distantes são “pares que normalmente ocorrem em linhas paralelas, mas que ocasionalmente são encontradas em linhas distantes uma da outra” (WATSON, 1986, p. 134)

**Word-pairs invertidas:** As inversões ocorrem quando a sequência normal da frase é invertida, e, em vez de termos A//B, temos, por exemplo, AB//A, como podemos verificar em Isaías 41:8 e Gênesis 27, 28 e 39. Esta inversão pode ser utilizada para quebrar a monotonia da sequência, para enfatizar algo ou até mesmo mostrar um evento reverso. Um exemplo desse tipo que demonstra um padrão quiástico é Provérbios 18:6-7: “Os lábios de um tolo entram em contenda, e a sua boca pede por pancadas. A boca de um tolo é a sua destruição, e os seus lábios são os laço da sua alma”<sup>20</sup>

Existem várias razões pelas quais as *word-pairs* eram amplamente utilizadas na poesia hebraica. Watson (1986) explica que uma dessas razões está relacionada à tradição oral, na qual certas fórmulas eram indispensáveis. Como exemplo, temos a fórmula *Parry-Lord*, muito empregada na poesia grega, que apresentava padrões de repetição e expressões repetitivas. Esses elementos auxiliavam na tradição oral, uma vez que, ao serem repetidos, facilitavam a memorização. Essas expressões podem ser observadas na Odisseia e na Ilíada, por exemplo, com expressões como *rosy-*

---

<sup>19</sup> WATSON, 1986, p. 133.

<sup>20</sup> WATSON, 1986, p. 135.

*fingered dawn* (alvorecer de dedos rosados) e *swift-footed Achilles* (Aquiles de pés ligeiros), ambas utilizadas por Homero, mas já presentes em versões anteriores da tradição oral.

O paralelismo de pares de palavras (*word-pairs parallelism*) é considerado a versão hebraica da *Parry-Lord*. As *word-pairs parallelism* eram empregadas principalmente para auxiliar na memorização por parte de quem as recitava e também para estabelecer uma conexão entre o poeta e seu público. Assim como na poesia grega e outras formas de poesia, a poesia hebraica também era declamada em voz alta, exigindo uma forte capacidade de memorização. Para facilitar esse processo, os pares de palavras desempenhavam um papel crucial. Muitas vezes, os ouvintes da poesia memorizavam não apenas as histórias contadas, mas também as *word-pairs* associadas a elas. A característica distintiva da poesia hebraica é a sua estrutura em dísticos paralelos, composta por dois versos, e, portanto, as *word-pairs* desempenham um papel fundamental na ornamentação e na fluidez do texto.

Essas reflexões nos levam a considerar que, embora a poesia hebraica tenha sido posteriormente registrada e seja reconhecida por meio de seus textos, sua origem remonta à tradição oral. Portanto, ela era amplamente conhecida e transmitida de geração em geração muito antes de ser documentada por escrito. É importante destacar que essa afirmação não se aplica necessariamente a toda a poesia hebraica, mas sim a diversos textos diferentes. Watters (1976) diz que “então é claro que as fórmulas de fato existem nos salmos bíblicos. Suas presenças ali são consideradas por Culley uma indicação da criação oral dos versos. Elas são poucas, entretanto estão presentes.” (Tradução nossa)<sup>21</sup>

Também ocorriam diversas variações durante as recitações poéticas, e essas variações e improvisações só poderiam ser compreendidas se as *word-pairs* fossem familiares ao público em geral. Por essa razão, essas *word-pairs* eram tão reconhecidas pelos hebreus quanto as *Parry-Lords* o eram pelos gregos. Hebreus, gregos e ugaríticos possuíam um repertório de fórmulas poéticas que eram utilizadas por poetas e pelos então chamados 'bardos' no mundo antigo, e essas fórmulas poéticas eram transmitidas de geração em geração. A principal explicação para as semelhanças entre a poesia ugarítica, a hebraica e de outras culturas antigas reside no fato de que os cantores podiam viajar de um lugar para outro para entoar suas canções, possibilitando o intercâmbio de ideias, fórmulas e expressões.<sup>22</sup>

As *word-pairs* são fórmulas e um tipo de paralelismo frequentemente utilizado na Bíblia, e isso não é por acaso: elas promovem compreensão, clareza e fluidez. Essas fórmulas também desaceleravam a narrativa, permitindo que o público refletisse mais profundamente sobre o significado do que estava sendo dito, ao mesmo tempo em que estabeleciam uma conexão entre o poeta e o ouvinte. É importante lembrar que as *word-pairs* eram amplamente empregadas em textos, pois contribuía significativamente para a coesão entre as palavras e frases.

### **3. Number Parallelism**

O Paralelismo de número é muito semelhante ao paralelismo sinonímico, considerando que usa o mesmo gênero de palavras, com o mesmo sentido, para corresponder no verso seguinte ao primeiro. A maior diferença é que é utilizado números em vez de palavras. A fórmula mais usada é “número // número + 1”, como utilizado em Miquéias 5:4. Também em Miquéias, vemos mil // dez mil como outra forma de paralelismo numérico, no capítulo 6 e versículo 7:

---

<sup>21</sup> “So it is clear that formulas do exist in the biblical psalms. Their presence there is taken by Culley to be an indication of oral verse-making. They are few, yet they are present nevertheless”. (WATTERS. 1976. p. 15).

<sup>22</sup> WATSON, 1986, p. 139.

O SENHOR se agrada de milhares de carneiros, ou de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma?

Entre muitas formas desta classe de paralelismo, há também na bíblia enumerações, efeitos climáticos (nos quais o último verso que contém número é o que contém o foco da atenção e traz o clímax da passagem bíblica), e versículos que apresentam números diferentes em cada verso para denotar abundância de algo.

#### **4. Staircase Parallelism**

O paralelismo de escada é assim chamado pois demonstra uma construção e uma completude crescente, que é completada de acordo com a leitura de um bicólon ou um tricólon completo; como se, a partir de apenas um cólon, o sentido não estivesse completamente expresso, pois o sentido vai sendo apresentado consecutivamente. Como exemplos, temos Juízes 4:18: "E Jael saiu ao encontro de Sísera, e lhe disse: Volta-te, meu senhor, volta-te para mim; não temas. E quando ele voltou-se para ela, dentro da tenda, ela o cobriu com um manto".

Neste trecho, temos, primeiramente, o elemento repetido "volte", depois, o vocativo (também chamado de epíteto) e, depois, o elemento complementar "para mim". Este fenômeno pode também ocorrer por elipse, no qual o termo repetido fica subentendido, como "não é" na terceira linha em Provérbios 31:4: "Não é para os reis, ó Lemuel, não é para os reis beber vinho, nem para os príncipes, bebida forte". Também ocorre em Cânticos 6:1, que é assim escrito: "Para onde foi o teu amado, ó mais formosa entre as mulheres? Para onde retirou-se o teu amado, para que o procuremos contigo?". É usada uma variação em "foi" e "retirou-se" e, ainda assim, se constitui de um paralelismo de escada, pois o significado só é completo após a leitura inteira, onde sabemos que o eu-lírico quer ajudar a mulher a procurar o amado.

Este tipo de padrão é usado para abrir uma seção, fechar uma seção, demonstrar um refrão ou até mesmo para aguçar a curiosidade do ouvinte; curiosidade esta que é acesa no início do cólon e é interrompida pelo vocativo.

#### **5. Outros tipos de paralelismo**

Como outros tipos de paralelismo, Watson (1986) fala sobre Sinônimo-sequencial (no qual o segundo cólon continua com um sinônimo e com uma sequência do primeiro, como em Miquéias 7:3), substantivo-verbo (no qual, o segundo verso contém uma substantivação do primeiro verso, como em Provérbios 2:16), o paralelismo vertical (quando, entre dois dísticos, há componentes, tornando o trecho maior do que dois versos, como em Jeremias 1:10) e o Paralelismo Janus (que ocorre quando há o dobro de sentido em uma palavra nos primeiros versos e o sentido oposto nos últimos, como Gênesis 49:26, Jó 9:25 e Jeremias 2:14-15)

#### **O Paralelismo Anafórico**

Anos depois dessas definições feitas por Lowth, há muitas críticas em relação à divisão de cada definição. Muitos teóricos que vieram depois acabaram por ressignificar e adicionar mais novas definições às definições já existentes. Ao invés de citar todas aqui, citarei a anáfora. Magalhães Júnior (2012) a explica da seguinte maneira:

Uma espécie de repetição técnica, onde uma palavra ou grupo de palavras é reproduzida no início de cada linha do poema. (Cf. Watson, 1984, p. 276, n 6) Robert Alter chama a atenção para essa "repetição incrementada", pois a palavra ou frase repetida é complementada por

palavras ou frases diferentes, criando uma tensão permanente entre "similaridade e diferença, reiteração e acréscimo". (Alter, 1985, p. 64).<sup>23</sup>

Como um exemplo, Magalhães Júnior cita o seguinte versículo, que se encontra em Salmo 13.1:

Até quando YHWH, se esquecerás de mim para sempre?  
Até quando esconderás Tua face de mim?

Neste versículo há a repetição das palavras "Até quando", o que causa no leitor um sentimento de angústia, considerando que o salmista está sentindo que Deus não o está respondendo, que o abandonou. Esse paralelismo, também, dá ênfase na impaciência que o salmista está sentindo, ao perceber que suas orações não parecem estar sendo respondidas. A anáfora, para Watson (1986) está em outra seção, diferente do paralelismo, mas considerando que a anáfora é a repetição de palavras e esta pode ser vista frequentemente junto com o paralelismo, é central que consideremos a anáfora como também um tipo de paralelismo da poesia hebraica, como também observou Karimovna (2021), no artigo "*Anaphora as an essential type of poetic figures*". Considerando a definição de Lowth (1778), que descreve o paralelismo como a correspondência entre um verso e outro, a anáfora também se configura como uma forma de correspondência e comunicação entre versos, através da repetição. Portanto, faz sentido considerá-la como um subtipo do Paralelismo, denominado de Paralelismo Anafórico.

### Os paralelismos na literatura mais recente

Os poemas e a própria literatura têm como função representar os sentimentos humanos por meio de palavras e formas, o que torna a literatura conhecida por sua liberdade expressiva. Com o tempo, os autores e poetas literários passaram a expressar cada vez mais suas emoções através de palavras e formas poéticas que melhor traduzissem seus sentimentos. Uma das técnicas encontradas pelos poetas para envolver o leitor no ritmo poético e enriquecer sua experiência de leitura é o paralelismo. Weiss (1984) descreve o paralelismo da seguinte forma:

Paralelismo, criado por modelos de equivalência linguística projetada em sequências de sons, acentos, palavras, sentenças, textos e assim por diante, é a característica dominante da linguagem poética.<sup>24</sup>

Além de evocar emoções, esses paralelismos criam ritmo e fluidez, destacam ideias ou emoções específicas, causando um impacto mais profundo. Eles também ajudam a reforçar a mensagem central da obra, caracterizam personagens (revelando seus pensamentos e sentimentos mais frequentes) e aprimoram as imagens poéticas e simbolismos. Na literatura, esse tipo de escrita é conhecido como "paralelismo anafórico".

É difícil determinar quando exatamente os paralelismos anafóricos começaram a ser utilizados, pois desde o início da literatura, desde os primeiros registros literários e nas primeiras obras, o paralelismo já estava presente. Isso inclui obras como "A Ilíada" e "A Odisseia", de Homero, e a própria Bíblia Sagrada, que já apresentava essa característica desde os primeiros versículos do livro de Gênesis.

No Renascimento, esse recurso literário já era conhecido, como podemos verificar na obra de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões

Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por Santo,

<sup>23</sup> JÚNIOR, 2012, p. 123.

<sup>24</sup> WEISS, 1984, apud JUNIOR, 2012, p. 406.

Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,  
Ver as nuvens, do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava): levantar-se  
No ar um vaporzinho e su[b]til fumo  
E, do vento trazido, rodear-se;  
De aqui levado um cano ao Polo sumo  
Se via, tão delgado, que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia;  
Da matéria das nuvens parecia<sup>25</sup>

Podemos observar o paralelismo nessas duas estrofes, quando o eu-lírico repete o verbo “ver”, reiterando que o viu, e que foi “claramente visto”, e depois, o mesmo verbo na frase “se via”. A intenção do autor nessa repetição era mostrar o quão incrível era a visão do eu-lírico, de modo que muitas pessoas poderiam duvidar - inclusive ele próprio - mas que ele queria garantir que o que viu era verdade.

Também encontramos paralelismos na linguagem oral, como evidenciado no discurso de Martin Luther King:

Tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e corresponderá em realidade o verdadeiro significado de seu credo: 'Consideramos essas verdades manifestas: que todos os homens são criados iguais'. Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de ex-escravos e os filhos de ex-donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da irmandade. Tenho um sonho de que um dia até o Estado do Mississippi, um Estado desértico que sufoca no calor da injustiça e da opressão, será transformado em um oásis de liberdade e de justiça.<sup>26</sup>

Esse discurso, proferido em 28 de agosto de 1963, é considerado um dos mais belos do século XX, e com razão. Uma das características mais marcantes de seu discurso foi a repetição da frase *I have a dream*, o que demonstra o quão profundamente ele ansiava por esses sonhos, a ponto de reafirmar essa aspiração no início de cada frase. Agora, vamos prosseguir para a análise dos paralelismos encontrados em "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway.

### **Os paralelismos em “O Velho e o Mar”**

Existem diversas ocorrências de Paralelismo Anafórico em "O Velho e o Mar", caracterizadas por repetições de palavras com o intuito de reforçar a ideia apresentada pelo autor. Um exemplo específico pode ser observado nesta passagem em que o narrador aborda a insegurança do garoto em relação aos seus próprios pensamentos:

Onde você poderia lavar-se?”, pensou o garoto. O depósito de água da aldeia ficava lá para baixo, duas ruas além, indo pela estrada. “Preciso trazer-lhe água para a cabana, sabão e uma toalha nova”, continuou a pensar o garoto. “Por que será que nunca penso nessas coisas? Tenho de arranjar outra camisa para ele, um casaco para o inverno e uns sapatos, além de outro cobertor.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> DE CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Martin Claret. São Paulo, 2012. p. 135.

<sup>26</sup> CARSON, Clayborne (Org). *Um Apelo À Consciência: os Melhores Discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. [Versão Kindle]

<sup>27</sup> HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. p. 24.

A estupefação do eu-lírico ao enfatizar que sua visão era verdadeiramente única e fica evidente no seguinte trecho: "Nunca houve nada igual. Nunca vi ninguém lançar a bola tão longe quanto ele."<sup>28</sup>

Quando o velho avista o peixe, ocorre a repetição do verbo "ver," reforçando mais uma vez seu assombro diante da magnitude do peixe que nunca antes havia visto. O verbo é utilizado repetidas vezes:

O velho já tinha visto muitos peixes grandes. Tinha visto muitos que pesavam mais de trezentos quilos e já pescara dois desses, mas nunca sozinho. Agora, só e tão longe da terra, ia defrontar-se com o maior peixe que lhe fora dado ver em toda a vida e a sua mão esquerda ainda se mantinha cerrada e dura como a garra fechada de uma águia<sup>29</sup>

O narrador também demonstra a extensão e a intensidade de um sonho a partir da repetição do verbo *sonhar*, com ocorrências como *sonhou e sonhar* de modo alternado, tratando-se, também, de um anáforismo:

Não sonhou com leões, mas sim com um grande cardume de porcos-marinhos que se estendia por uma zona de oito ou dez milhas e que estavam no período de acasalamento, saltando para fora da água e tornando a cair exatamente no mesmo buraco da água de onde tinham saído. Depois sonhou que estava na aldeia, na sua cama, e que havia uma nortada e estava muito frio, e tinha o braço direito dormente porque a cabeça estava em cima dele em vez de em cima da almofada. Mais tarde começou a sonhar com as extensas praias amarelas e viu o primeiro leão sair da floresta na escuridão da noite; depois apareceram outros leões, e o velho apoiou o queixo na madeira da proa do navio que estava ancorado ao largo, na brisa da noite, e ali ficou à espera de ver mais leões, sentindo-se feliz e confortado<sup>30</sup>

O desejo do velho é demonstrado e dramatizado com a anáfora repetidas vezes, como se pode ver no trecho "Se o garoto estivesse aqui, podia molhar os rolos de linha", pensou. "Se o garoto estivesse aqui. Sim, se o garoto estivesse aqui"<sup>31</sup>.

Mais adiante, a melancolia do velho e o seu desejo por morte é demonstrado com a repetição do verbo *matar*, conjugado de diferentes maneiras, com *matando, mate-me, mate*: "Você está me matando, peixe", pensou o velho pescador. "Mas tem o direito de fazê-lo. Nunca vi nada mais bonito, mais sereno ou mais nobre do que você, meu irmão. Venha daí e mate-me. Para mim tanto faz quem mate quem, por aqui"<sup>32</sup>

A incerteza da vida e a persistente tentativa, repetida incansavelmente, são descritas nas páginas 91 e 92, onde podemos acompanhar a reflexão do personagem idoso sobre a vida. Ele pondera sobre as muitas tentativas e esforços que, no fim das contas, podem se revelar infrutíferos. Esse sentimento é dramatizado através do uso da anáfora, com a repetição das frases "eu não sei" e "tentarei mais uma vez".

"Eu não sei", pensou o pescador. Das duas vezes o velho sentira-se quase desmaiando. "Eu não sei. Mas tentarei mais uma vez.

---

<sup>28</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 25.

<sup>29</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 66.

<sup>30</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 81.

<sup>31</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 82.

<sup>32</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91.

Tentou mais uma vez e, quando conseguiu virar o peixe de lado, sentiu-se de novo quase desmaiando. O peixe endireitou-se e afastou-se lentamente, com a grande cauda batendo no ar.

“Tentarei mais uma vez”, prometeu o velho, embora tivesse agora as mãos ensanguentadas e só pudesse ver bem por instantes.

Tentou outra vez e sucedeu o mesmo. “Assim”, pensou ele, e sentiu-se desmaiando mesmo antes de recomeçar a puxar. “Vou tentar outra vez”<sup>33</sup>

O autor também dramatiza o momento crucial em que o velho finalmente ataca e acerta o peixe, demonstrando que não apenas os momentos tristes são reiterados, mas também um momento de poder da vida do velho, e isso é feito com a repetição do verbo “*acertar*”:

O arpão penetrou no ponto em que a linha entre os olhos se cruzava com a linha que vinha direta do nariz. Essas linhas não existiam. Só se viam a grande cabeça azul e os imensos olhos e o ruído das mandíbulas enormes e selvagens. Mas o cruzamento dessas linhas imaginárias determinava a localização do cérebro, e o velho acertou-o em cheio. Acertou-o, empunhando o arpão com aquelas duas mãos em carne viva e pondo nele com todas as forças que conseguiu reunir. Acertou-o, sem grande esperança, mas com firme decisão<sup>34</sup>

O trecho seguinte demonstra um anaforismo da palavra *pecado*, demonstrando a fraqueza que seria não ter esperança. Porém, este trecho demonstra também outros tipos de paralelismo, como *word-pairs* de aumento, passando de *estupidez* para *pecado* e também *word-pair* sinonímica, ao trazer que não quer *pensar* e que não *compreende* os pecados, novamente demonstrando a insuficiência humana para compreender grandezas como *esperança* e o pecado de não tê-la:

É uma estupidez não ter esperança”, pensou. “Além disso acho que é um pecado perder a esperança. Mas não devo pensar em pecados. Já tenho problemas demais para começar a pensar em pecados. Para dizer a verdade, também não compreendo bem o que são pecados.”<sup>35</sup>

Há também algumas ocorrências de *word-pairs* em “O Velho e o Mar”. Ao expressar a quantidade de tempo que o velho não pensava em emoções, o narrador traz, como sinônimos, palavras que expressassem desafios com os quais o velho se deparava antigamente em sua vida. O que pode ser problematizado nesse trecho é que *mulheres* vem como um desafio tão forte e sinonímico quanto *grandes acontecimentos*, *grandes peixes*, *lutas* e *desafios de força*:

Havia muito tempo que não sonhava com tempestades nem com mulheres, nem também com grandes acontecimentos ou grandes peixes, ou lutas, ou desafios de força, nem mesmo com a sua mulher. Agora sonhava apenas com lugares e com os leões na praia. Os leões brincavam na areia como gatinhos e ele os amava tal como amava o garoto<sup>36</sup>

No trecho seguinte, podemos observar outra *word-pair*: “-Não tenha medo, a linha está segura, bem segura - disse o velho. - Bastante segura e quieta. Você não devia estar assim tão cansado depois de uma noite sem vento. Por que será que os pássaros vêm para cá?”<sup>37</sup> Desta vez de *staircase*, considerando que a frase vai se completando de acordo com o prosseguimento da leitura. O leitor se depara com “está segura”, seguido, depois da vírgula de “bem segura”, e, então, “bastante segura e quieta”. Isso também nos remete a um *word-pair* aumentativo por causa da mudança de *bem segura* para *bastante segura*.

---

<sup>33</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 91-92.

<sup>34</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 100.

<sup>35</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 104.

<sup>36</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 28.

<sup>37</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 57.

A seguir há um excerto que demonstra muitas ocorrências: o paralelismo anafórico, com a repetição de *mas*, que reitera a contradição e demonstra de que seria uma má ideia continuar acordado, por causa do cansaço, além de explicar todos os argumentos que o velho teria tanto para ficar acordado quanto para dormir. Além disso, há um paralelismo numérico, que também pode ser considerado *word-pairs* de escada, pois vai aumentando o tempo, dizendo que se passaram *meio dia, uma noite e outro dia*. O *word-pair* aumentativo também é visto em *tenho a mente bem clara, muito clara, tão claro como as estrelas*. A repetição continua também no verbo *dormir*, com *dormiu, dormir, dormem e dorme*:

-Mas você ainda não dormiu, meu velho - disse o pescador. - Já se passaram meio dia e uma noite, e agora outro dia e você ainda não dormiu. Precisa descobrir uma forma de poder dormir um pouco se o peixe estiver calmo. Se não dormir, pode ficar tonto ou perder a vista, de tanto que vai precisar.

Mas agora ainda tenho a mente bem clara. Muito clara. Estou tão claro como as estrelas, minhas irmãs. Mas, mesmo assim, preciso dormir. As estrelas dormem e a lua e o sol também dormem e mesmo o oceano também dorme às vezes, nos dias em que não há corrente e em que fica muito calmo.”

Mas lembre-se de que precisa dormir. Procure um meio que lhe permita dormir, mas de maneira que acorde se a linha se mover. Agora vá à popa e prepare o dourado. É muito perigoso ferrar os remos à proa, se vai dormir.”

“Podia manter-me acordado”, prosseguiu, em pensamento. “Mas seria demasiadamente perigoso”.<sup>38</sup>

Existem várias outras instâncias de paralelismo em "O Velho e o Mar", apesar de ser um livro relativamente pequeno. No entanto, devido às restrições de espaço, este artigo se concentra apenas nessas ocorrências, entendendo que um estudo mais abrangente poderia explorar a profundidade que esta obra tem a oferecer.

### Considerações finais

Ao longo deste artigo, exploramos o fenômeno poético do paralelismo, desde suas origens no Oriente Médio Antigo até sua influência na literatura ocidental. Abordamos as diversas definições e classificações propostas por estudiosos, como Lowth, Watson e outros. Também examinamos o uso do paralelismo na poesia hebraica e em "O Velho e o Mar", de Ernest Hemingway.

A conclusão que podemos tirar é que o paralelismo é um recurso literário extremamente versátil e poderoso, que pode ser utilizado para diversos efeitos. Na poesia hebraica, ele é utilizado para enfatizar ideias, criar contrastes, e dar ritmo e melodia ao texto. Em "O Velho e o Mar", Hemingway usa o paralelismo para criar uma sensação de suspense e tensão, e para explorar os temas da perseverança e da fé. A análise do paralelismo revela a riqueza e a complexidade da linguagem poética, sendo um recurso que pode ser usado de forma criativa e inovadora, produzindo efeitos estéticos e emocionais profundos.

### Referências

BARRETO, Matheus. *Ritmo & tradução: a configuração rítmica na tradução de dez textos literários de língua alemã*. 2022. Tese de doutorado (Programa de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

---

<sup>38</sup> HEMINGWAY, 2021, p. 77.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S/A, 2010.

BÍBLIA, A. T. Cântico dos Cânticos. In: Bíblia. Português. *Bíblia King James BKJ 1611 com Estudo Holman*. Rio de Janeiro: BV Books, 2015.

CARSON, Clayborne (Org). *Um Apelo À Consciência: os Melhores Discursos de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. [Versão Kindle]

DE CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2021.

JUNIOR, Edson Magalhães Nunes. *Uma introdução geral à poesia hebraica bíblica*. 2012. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOWTH, Robert. *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*. London: Kessinger Publishing, 1787.

NETO, João Cabral de Melo. *Auto do frade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ROBERTS, D. Phillip. "Let me see your form": seeking poetic structure in the "Song of Songs". 2001. Tese de doutorado (Ph.D. em Teologia) - Westminster Theological Seminary, Glenside, 2001.

SCHÖKEL, L. Alonso. *Manual de Poetica Hebraea*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

WATSON, Wilfred G. E. *Classical Hebrew Poetry: a guide to its techniques*. England: JSOT Press, 1986.

WATTERS, William. *Formula criticism and the poetry of the Old Testament*. Germany: De Gruyter, 1976.

WEISS, Meir. *The Bible from within: the method of total interpretation*. Jerusalem: The Magna Press, 1984.